

ZINE CONSCIENTE

#73

1 ANOS CAPITALISMO
CONSCIENTE
BRASIL

10

PARA PRINCÍPIOS
PARA UMA NOVA
CONSCIÊNCIA

Em comemoração aos 10 anos do
Instituto Capitalismo Consciente Brasil

Editorial Consciente

PALAVRA DE CEO

Ao longo da história humana, a gestação do novo geralmente se dá de modo praticamente imperceptível para os contemporâneos, uma vez que suas sementes são cultivadas quando velhas ideias e práticas ainda são dominantes. *“Não se traça uma nova ordem mundial como medida de emergência, mas só uma emergência pode dar origem a uma nova ordem mundial”*, pontua o diplomata norte-americano Henry Kissinger.

Pois bem, encontramos-nos definitivamente diante de uma crise multifacetada, que nos castiga em termos financeiros, sociais, ecológicos e bélicos. Nela, potências que deveriam pregar a paz são as que mais comercializam armas, instituições financeiras que deveriam educar financeiramente são as que mais incentivam o consumismo, e água e alimentos só chegam aos mais necessitados tarde demais. Nossa interminável lista de crises inclui ainda pandemias, terrorismo, esgotamento de recursos naturais, colapso energético e nações falidas. Que tipo de futuro podemos esperar para nós mesmos e nossos descendentes?

Graças aos fulminantes avanços da tecnologia da informação, o mundo

torna-se cada vez mais unificado - o outro, ou seja, o resto da humanidade, nunca esteve tão próximo. Não resta dúvidas sobre a importância de um sistema mundial integrado e renovado para lidar com essa tempestade perfeita. Podemos dizer que o futuro são muitos, e brotarão a partir de diferentes sementeiras, conforme nosso nível de consciência entre o mundo das possibilidades e o mundo dos desejos.

Estamos convictos da urgente necessidade de um amplo movimento consciente e coerente, democraticamente organizado, inteligente e pacificamente conduzido conforme as leis vigentes, e é por isso que existimos.

Em nosso aniversário de 10 anos, nós do Instituto Capitalismo Consciente Brasil te convidamos a refletir sobre 10 princípios fundamentais para desenvolver uma nova consciência para o país e o planeta. Junte-se ao ICCB nesta jornada de conhecimento, inovação e cura.

Com carinho,

Daniela Garcia

CEO do Instituto Capitalismo
Consciente Brasil

INTRODUÇÃO

“Uma civilização é um movimento, não uma condição; uma viagem, não um porto.”

Arnold Toynbee

“A civilização é uma luz, e a luz faz-se sempre mais intensa. A civilização é uma, e consiste num processo de desenvolvimento que sempre tende na direção de um mesmo fim: o melhoramento da humanidade”. Essas palavras, proferidas há mais de dois séculos pelo ministro francês François Guizot (1787-1874), nos fazem levantar algumas questões: a civilização é mesmo “una”? O desenvolvimento que alcançamos tem proporcionado o melhoramento de toda a humanidade?

Muito se fala em aldeia global, como se a difusão instantânea de notícias proporcionada pela internet de alguma forma unisse e homogeneizasse pessoas de todos os cantos do planeta. Na realidade, porém, nunca tivemos rachaduras tão profundas como espécie.

Para a maior parte da humanidade, especialmente no Brasil, a atual versão desvirtuada do sistema econômico

capitalista se impõe como uma verdadeira fábrica de perversidades: a pobreza cresce e as classes médias perdem qualidade de vida, enquanto o desemprego torna-se crônico, a renda média diminui, a fome e o desabrigo se generalizam e a mortalidade infantil persiste, a despeito dos avanços médicos e da informação.

Em seus contos, ainda no fim do século 19, o cronista e poeta Olavo Bilac (1865-1918) já alertava sobre os abismos sociais do Brasil, um país rico em recursos naturais, porém socialmente empobrecido (Bilac, 1905):

-Está enganado! O que nos falta não é dinheiro: é juízo. Ricos somos nós!

-Ricos, de que, Conselheiro? (...) Temos carvão, temos águas, temos florestas, temos ouro, temos brilhantes, (...) e apesar disso morremos à fome..

- Isso é uma figura de retórica.

- Uma figura de retórica? Vá ao interior do Brasil... o trem o levaria por uma extensão de terras sem cultura, sem plantações, sem gado, sem habitações. (...) Veria uma gente magra, amarela, depauperada pela escassez da alimentação, vendendo leite a tostão a garrafa... E atravessaria cidades outrora florescentes e ricas, e agora desertas e tristes. (...) E reconheceria que a nossa riqueza é uma fantasia. (...) Lembra-se do Jaqueta, Conselheiro?

- Que Jaqueta?

- O Jaqueta era um velho avaro, que morava lá para os lados do trapicheiro, e morreu há uns dez anos. Era o tipo acabado do faminto, do miserável. (...) Um dia, os vizinhos notaram que a porta da casa do Jaqueta permanecia fechada: bateram, insistiram, não obtiveram resposta; chamaram a polícia e arrombou-se a porta. O velho Jaqueta estava morto, morto de inanição e de miséria, em cima de uma grande arca, que lhe servia de cama. Abriram a arca, e estava cheia de...

- De quê?

- De moedas de ouro inglesas e brasileiras! O desgraçado morrera de fome em cima de um tesouro!

- Mas que diabo tem isso com a nossa conversa?

- Tem que... Mal comparando, esse Jaqueta é o Brasil!

Como observou o famoso economista austríaco Joseph Schumpeter (1883-

1950), o capitalismo de fato é o mais bem-sucedido sistema econômico de geração de riqueza já inventado, e nenhum outro sistema beneficiou tanto o chamado "homem comum". Todavia, urge pensar na reconstrução desse sistema diante da crise estrutural que vivenciamos. Nesse cenário, quando são propostas soluções não estruturais, o resultado é a geração de ainda mais crise.

Idealizado como uma fonte de empreendedorismo e riqueza compartilhada, o modelo capitalista sofreu inúmeras deturpações ao longo dos anos, tendo seus papéis dominantes subvertidos – segredos de marca viraram mentiras, ações de marketing deram lugar ao engodo, enquanto a tática e a estratégia foram substituídas por dissimulação e cinismo. Trata-se, enfim, da glorificação da esperteza e da avareza, em detrimento da honestidade e da generosidade.

Não à toa, cada vez mais pessoas, grupos e até países inteiros consideram que a economia global opera injustamente e em seu prejuízo, gerando revoltas contundentes e evidenciando que o sistema capitalista internacional não será capaz de sobreviver sem um grande autoexame e profundas transformações.

Nesse processo, o **Instituto Capitalismo Consciente Brasil se fundamenta em 10 princípios elementares, atemporais e indispensáveis para construir uma nova consciência:**



1. INTEGRIDADE

“Dois milênios de experiência, e montanhas de conhecimentos, não nos tornaram mais capazes de administrar nossos negócios do que o homem da Idade da Pedra.”

Mahathir Bin Mohamed

A maioria das organizações hoje apenas reage aos estímulos diários, sem disposição nem capacidade para refletir e rever os princípios éticos que explicam suas origens e justificam suas práticas. São empresas suicidas que, inconscientemente, pavimentam as condições para o seu próprio aniquilamento.

Atuam com um individualismo míope e medíocre, ganancioso e egoísta, amoral, completamente alheias a qualquer valor que não seja o monetário.

Embora a riqueza sempre tenha sido importante na ordem de prioridades

personais, em muitos casos ao longo da história humana ela se converteu na única medida pela qual o valor pessoal é medido.

Há um pesado clima de desconfiança milenar entre as grandes corporações e os consumidores, especialmente os das camadas mais pobres. Esse receio enraizado se explica porque, embora a confiança seja um dos sentimentos mais difíceis de cultivar, ela pode ser facilmente abalada.

Inúmeras empresas tiveram seus negócios afundados porque abusaram da confiança de seus clientes.

Reputações danificadas por essas violações levam muito tempo para ser curadas se deixadas por conta própria.

Por isso, as empresas que desejam reconstruir a credibilidade que inicialmente tinham com sua base de consumidores precisam abordar a questão de forma proativa.

A reconstrução da confiança corporativa começa com a admissão de erros e a promessa de corrigi-los. Infelizmente, os clientes estão acostumados a promessas vazias, logo as empresas precisam partir rapidamente para a ação, ou então correm o risco de afastá-los ainda mais. Algumas das principais etapas nesse processo são:

I. Comunicação transparente

Foco em comunicação e transparência. **Coisas ruins podem (e vão) acontecer a qualquer momento – o que diferencia as empresas confiáveis das outras é a forma de lidar com essas situações.** Honestidade, gentileza e comprometimento genuíno na reparação dos danos causados são indispensáveis.

II. Vulnerabilidade honrada

Organizações que abrem mão do orgulho e expõem suas vulnerabilidades são percebidas pelo público como mais honradas e confiáveis. Há poucas virtudes maiores do que ser considerado alguém falível, porém justo e que faz a coisa certa –

não discricionariamente, mas sempre. Possuir e reconhecer erros pode parecer desconfortável para os líderes acostumados a apresentar uma frente polida e perfeccionista, mas abraçar esse desconforto pode reestabelecer a confiança e criar novas oportunidades.

III. Alinhamento das práticas com os valores corporativos

Para se concentrar no alinhamento das práticas organizacionais com seus valores fundamentais e proposta de valor, as empresas precisam autenticamente assumir total responsabilidade por suas falhas, buscar compreender as perspectivas de seus clientes e da sociedade como um todo e, em seguida, comunicar as etapas específicas que implementaram para garantir mudanças nos resultados futuros.

Para que o livre mercado torne-se de fato cada vez mais livre e justo, precisamos de cidadãos, instituições, empresas e estados políticos alicerçados na lei, com direitos e deveres iguais, comércio e sistemas monetários seguros e confiáveis, proteção de minorias vulneráveis e sustentabilidade socioambiental.

A integridade, presente em todos esses aspectos, é um ingrediente-chave nessa receita de capitalismo consciente democrático, capaz de nos guiar ao maior grau possível de felicidade, prosperidade e liberdade para o maior número de pessoas.

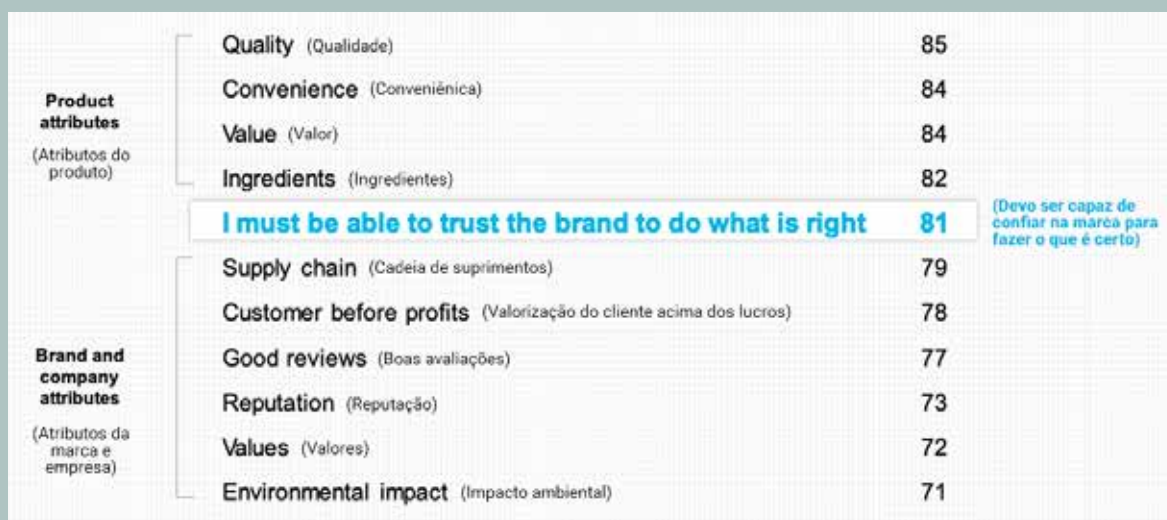


In brands we trust?

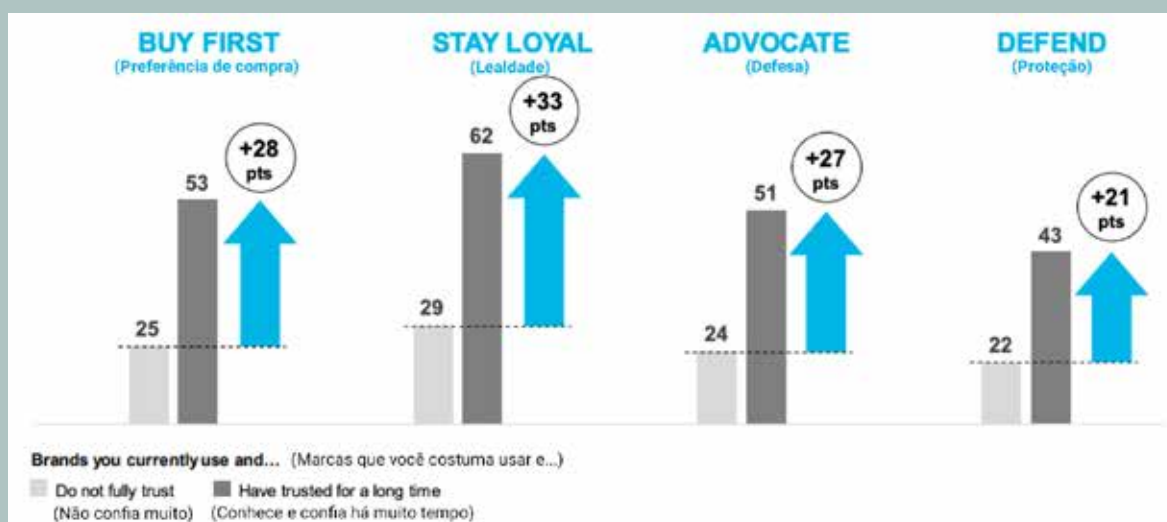
Os impactos sociais negativos de um negócio representam, atualmente, a principal razão pela qual os consumidores perdem a confiança em uma marca. De acordo com um relatório publicado pela consultoria Edelman, 69% dos entrevistados têm preocupações crescentes sobre os efeitos das marcas

na sociedade, e por isso fundamentam suas decisões de compra na percepção pessoal de integridade da empresa. Por outro lado, quando uma empresa demonstra integridade em seus negócios, os consumidores logo a recompensam por meio de preferência de compra, lealdade e defesa da marca.

Confiança na integridade da marca é o principal fator considerado no momento da compra.



Quando as marcas constroem confiança, os consumidores as recompensam.



2. DIGNIDADE

“No reino dos fins, tudo tem ou um preço ou uma dignidade. Quando uma coisa tem preço, pode ser substituída por algo equivalente; por outro lado, a coisa que se acha acima de todo preço, e por isso não admite qualquer equivalência, compreende uma dignidade.”

Immanuel Kant

Qual é o futuro dos negócios? Segundo o estrategista de negócios C. K. Prahalad, a resposta está na chamada “base da pirâmide” (**BP**). Para ele, as classes mais populares devem ser o foco, e cabe às empresas criar produtos e serviços que as atendam.

Suprir as necessidades da população de baixa renda não é caridade, mas sim oportunidade: com um tamanho de mercado extremamente atrativo, mais de 3 bilhões de pessoas deste grupo vivem em países em desenvolvimento com enorme potencial de produção e consumo. E embora as pessoas na BP ainda disponham de pouca renda, individualmente, coletivamente elas somam um gigantesco poder de compra.

Prahalad destaca que, a despeito dos progressos na capacidade de investimento, no *know-how*

administrativo e nos recursos tecnológicos, é necessário que as empresas modifiquem seu *modus operandi* para interagir com esse segmento social. **Lucro e erradicação de pobreza não são fatores antagônicos ou excludentes**, porém para criar uma dinâmica mutuamente benéfica nesse âmbito alguns pilares devem ser erguidos:

I. Exclusividade: as pessoas mais pobres não desejam mais ser forçadas a comprar versões mais antigas e simples dos produtos e serviços oferecidos no mercado. Para atendê-la, os empreendedores precisarão mais do que nunca criar soluções exclusivas, baseadas em inovação, criatividade e compreensão sociocultural das reais necessidades desse público.

Desponta aí a importância da **democratização do comércio**,

um processo de abertura dos benefícios da globalização a todos os microconsumidores, microprodutores, microinovadores, microinvestidores e microempreendedores, partindo do pressuposto de que todos devem ter o direito de usufruir dessas benesses e ser tratados com dignidade e autoestima.

Cabe aqui ressaltar que **não se trata de criar uma cultura de consumo perdulária, mas sim de proporcionar o pleno exercício do direito de escolha aos indivíduos, independentemente de sua classe ou posição social, cultivando o espírito de criação conjunta ou cocriação da economia.**

II. Inclusão: o ciclo de vida de produtos e serviços devem considerar e incluir os consumidores da base econômica. Para isso, é indispensável a formação de um relacionamento de confiança com as pessoas da BP. São exemplos desse tipo de relação os supermercados que aliam ótimo custo-benefício financeiro e combate ao desperdício ao criar seções promocionais específicas com produtos próximos à data de validade (PDV), ou

ao oferecer frutas, legumes e verduras fora do padrão exportação, porém nutritivos e com preços mais acessíveis.

III. Sustentabilidade ambiental: Ponto-chave no argumento de Prahalad, uma vez que os produtos e serviços desenvolvidos para a base da pirâmide devem necessariamente ser ecologicamente viáveis, pois destinam-se a um mercado consumidor de aproximadamente 4 bilhões de pessoas. Um bom exemplo nesse quesito é o do selo Procel de economia de energia elétrica - ao trocar eletrodomésticos, desse modo, mesmo os consumidores da BP podem assegurar baixo consumo de eletricidade, economia no orçamento doméstico e preservação do meio-ambiente.

Nesse âmbito, um dos grandes e persistentes desafios é fazer com que os consumidores da BP evoluam de monopólios locais ineficientes e desorganizados, como agiotas e paramédicos, para um setor privado eficiente e organizado. No entanto, ainda como ensina Prahalad, “*senso comum não é tão comum!*”. Talvez



Democratização do comércio
(PRAHALAD, 2009)

por isso a palavra “negócios” seja tão raramente dita nas discussões sobre desenvolvimento econômico e combate à pobreza, enquanto aplica-se, sem sucesso, velhas e lentas soluções para novos e urgentes problemas e carências.

“A longo prazo todos nós estaremos mortos”, uma das citações mais conhecidas do economista britânico John Maynard Keynes (1883-1946), aponta com precisão a urgência de abordar os problemas de curto prazo da crise econômica e recessões, evitando

assim o desastre de longo prazo do colapso da civilização.

Keynes gostava de considerar que o papel dos economistas era semelhante ao dos dentistas (“se os economistas pudessem vir a pensar que são pessoas humildes e competentes como os dentistas, seria esplêndido”); afinal, quando estamos com uma dor de dente, não buscamos o consultório odontológico em busca de explicações técnicas elaboradas, mas sim de alívio e tratamento adequado (Keynes, 2017).



Insight Consciente

Desperdício alimentar

De acordo com a FAO (Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura), o atual desperdício alimentar nos países industrializados ultrapassa 1,3 bilhões de toneladas anualmente, suficientes para alimentar as cerca de 925 milhões de pessoas que passam fome no planeta (FAO, 2022). Todo esse desperdício possui

consequências não somente éticas, mas também ambientais, já que envolve o gasto desnecessário dos recursos usados na sua produção (como terrenos, energia e água) e a emissão de dióxido de carbono e metano proveniente da decomposição dos alimentos que não são consumidos.



Campanha de supermercado francês.

“A maçã feia é igual a uma bonita, mas menos cara / A laranja feia faz um ótimo suco / A beringela feia, a esse preço, poderia ser ainda mais feia”.

Crescimento lento, poucas oportunidades, tensões internas e uma sociedade cada vez mais dividida são alguns dos ingredientes básicos do mal-estar que assola o Brasil e vários outros países - em desenvolvimento e desenvolvidos, próximos ou distantes.

A insegurança é um dos principais detratores do bem-estar individual e gatilhos de ansiedade em qualquer lugar do mundo. As populações inseguras e

engolfadas por essa onda de miséria e exclusão acabam, frequentemente, relacionando suas dificuldades e carências ao capitalismo, atribuindo ao sistema, e não à deturpação dos princípios capitalistas, a escassez cada vez mais sensível que vivenciam.

Daí emerge a rejeição a ideias e práticas benéficas a todos, como o empreendedorismo e a própria democracia.

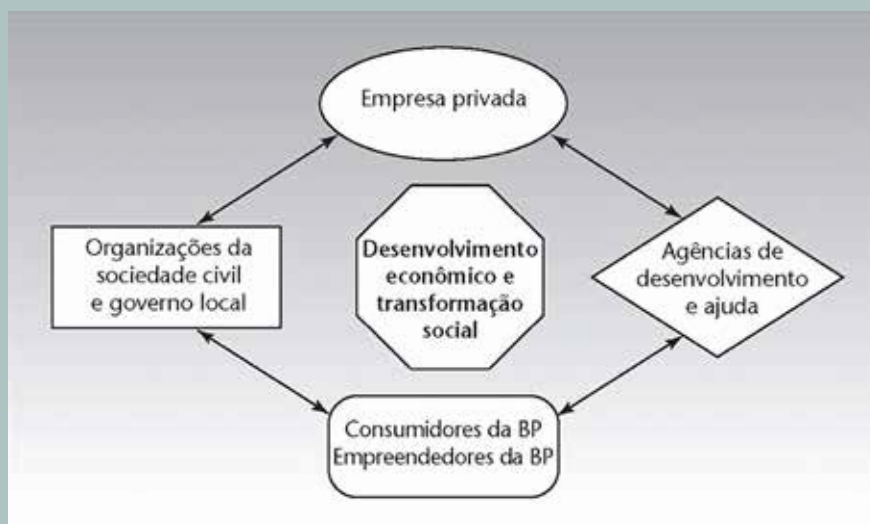


Insight Consciente

Empreendedorismo em ampla escala

As oportunidades na BP não se farão, porém, viáveis, enquanto grandes e pequenas empresas, governos, organizações da sociedade civil, agências de desenvolvimento e os próprios pobres não conseguirem trabalhar lado a lado, com base em uma agenda compartilhada. **O empreendedorismo em ampla escala é a chave.** Essa abordagem desafiará

os preconceitos com relação ao “papel e valor agregado” de cada grupo e sua importância no desenvolvimento econômico na BP (Prahalad, 2009). Essa criação conjunta entre os vários participantes é essencial para promover a interconectividade entre a abordagem do desenvolvimento econômico e a transformação social, como demonstrado na figura a seguir:



Interconectividade entre a abordagem do desenvolvimento econômico e a transformação social (PRAHALAD, 2009).

Repensar os mercados para que de fato sirvam tanto à sociedade quanto à economia é parte essencial da tarefa de colocar nosso país de volta no rumo.

O mercado é capaz de produzir maravilhas, mas não no capitalismo deformado e distorcido que ganhou força nas últimas décadas. A própria trajetória socioeconômica do Brasil

evidencia o retumbante fracasso desse modelo capitalista deturpado em promover justiça social e oportunidades, especialmente em locais marcados pela discriminação e em sociedades como a brasileira, na qual seis em cada dez crianças e adolescentes vivem em situação de pobreza - são, ao todo, 32 milhões de pessoas de até 17 anos em estado de privação (UNICEF, 2023).



Insight Consciente

Um novo olhar para a pobreza

No decorrer do século XX, três diferentes definições de pobreza foram formuladas: sobrevivência, necessidades básicas e privação relativa.

O enfoque de sobrevivência, o mais limitado, foi predominante nos séculos 19 e 20, até a década de 1950. Teve origem no trabalho de nutricionistas inglesas, que mostravam que a renda dos mais pobres não era suficiente para a manutenção do rendimento físico do indivíduo. Essa concepção, inicialmente adotada na Inglaterra e mais tarde pelo Banco Internacional para a Reconstrução e o Desenvolvimento (BIRD), deu origem ao primeiro modelo de proteção social para o Estado de bem-estar, orientando programas e políticas nacionais de assistência.

A partir de 1970, a pobreza ganhou a conotação de necessidades básicas,

apresentando novas exigências, como saúde, saneamento básico, serviços de água potável, educação e cultura. Essa concepção, aceita pela Organização das Nações Unidas (ONU), representava uma ampliação da noção de sobrevivência física pura e simples.

Na década seguinte, a pobreza passou a ser enxergada como uma privação relativa, tornando-se um conceito muito mais abrangente, sofisticado e preciso, baseado em análises científicas e priorizando o aspecto social-humanitário.

Deixar a linha da pobreza, hoje, significa, entre outras coisas, alcançar um regime alimentar adequado, um certo nível de conforto e um grau mais elevado de cidadania, afinal as pessoas podem sofrer privações em diversas esferas da vida.

3. RESPEITO

“Eu acredito no respeito pelas crenças de todas as pessoas, mas gostaria que as crenças de todas as pessoas fossem capazes de respeitar as crenças de todas as pessoas.”

José Saramago

No artigo “Um dia na vida de um vagabundo”, publicado pelo escritor e jornalista inglês George Orwell (1903-1950) durante a depressão de 1929, o tema central é a visão geral da sociedade sobre um “vagabundo” (Orwell, 2011):

Em primeiro lugar, o que é um vagabundo? Estas são as características que o distinguem: ele não tem dinheiro, veste-se com andrajos, caminha cerca de vinte quilômetros por dia e nunca dorme duas noites seguidas no mesmo lugar. Em suma, ele é um andarilho que vive de caridade, perambulando dia a dia durante anos. Ele não tem emprego, lar ou família, nada de seu no mundo, exceto os farrapos que cobrem seu pobre corpo; vive às custas da comunidade.

O vagabundo não perambula para se divertir, ou porque herdou os instintos nômade de seus ancestrais; antes de mais nada, ele tenta não morrer de fome. (...) É um círculo vicioso: se ele não mendiga, morre de fome; se mendiga, infringe a lei. A vida desses vagabundos é degradante e desmoralizadora. Em muito pouco tempo pode transformar um homem ativo em eterno desempregado e parasita. (...) Por fim, o vagabundo, que não cometeu nenhum crime e que, no fim das contas, não passa de uma vítima do desemprego, está condenado a levar uma vida mais miserável que a do pior criminoso.

Os vitorianos acreditavam que todo pobre era assim: um sujeito ocioso, impaciente e incapaz de pensar com

antecedência ou se planejar a longo prazo. Por isso, defendiam que o único modo de evitar que os pobres caíssem numa vida de vícios e preguiça era ameaçá-los com a miséria extrema. Nesse cenário que se criaram os insalubres albergues para indigentes e as prisões para devedores que o próprio Orwell e outros autores, como o romancista Charles Dickens (1812-1870), tantas vezes descreveram em suas obras.

Essa visão distorcida da população de baixa renda como desocupada, incompetente, despreocupada e ignorante vem persistindo há séculos, aliada a outros tipos de estereótipos igualmente equivocados, como a suposta inaptidão das mulheres para a liderança e a pretensa ociosidade e selvageria dos povos nativos.

Uma equipe, uma empresa, uma comunidade ou um país são tanto maiores quanto menores forem os egos dos seus componentes. O êxito demanda o constante exercício da humildade, palavra oriunda do termo em latim humus - fertilidade da terra. Produtividade, por conseguinte, é resultado direto do cultivo da humildade.

Durante uma de suas navegações, Amyr Klink refletiu sobre a grandiosidade da diversidade brasileira e a pequenez intelectual dos preconceitos (Klink, 2005):

Comecei a entender os variados tipos de embarcações em função principalmente dos traços e diferenças culturais de

cada região, e fiz uma maravilhosa descoberta: o Brasil é no mundo o país mais rico em diversidade de estilos, feitios e técnicas de construção naval primitiva - pelo menos duas centenas de diferentes tipos de embarcações de formas belíssimas, dezenas de tipos de jangadas, canoas com características próprias e fascinantes em cada pedacinho de costa, em cada trecho de rio. Tradições orais que seguem de pai para filho, transportando pelo tempo as mais ricas influências. Um patrimônio cultural de incalculável valor, autêntico e desconhecido, que se transforma e desaparece pouco a pouco. Verdadeiras esculturas flutuantes, pescando ou levando carga por essa costa afora, viageiras incansáveis, valendo só pelo que podem servir e não, ainda não, pelo que são - obras de arte ainda vivas.

A beleza da diversidade, a complementaridade das diferenças e a riqueza da pluralidade vêm tornando-se vítimas cada vez mais frequentes de intolerância, polarização, hostilidade e desprezo. A falta de alteridade é um dos principais responsáveis por esses sintomas presentes em nosso cotidiano - a atitude de olhar o outro não como ser humano, mas como intruso, estranho ou inferior. É nesse meio que os preconceitos se instalam, minando a nossa capacidade de convivência, reflexão, inovação e, sobretudo, respeito.

Há muitos jeitos de ser humano, e o fato de sermos um desses jeitos não significa que sejamos o único jeito de ser.

4. DEMOCRACIA

“Ninguém pretende que a democracia seja perfeita ou sem defeito. Tem-se dito que a democracia é a pior forma de governo, salvo todas as demais formas que têm sido experimentadas de tempos em tempos.”

Winston Churchill

Se a economia opera melhor quando é guiada de baixo para cima, e não ao contrário, e se os livres mercados guiados pelo consumidor são mais eficientes e justos, como alguns ainda podem contestar a democracia?

Só existe uma forma viável de governar o mundo: democraticamente. Apesar disso, para muitas pessoas esse ainda é um conceito questionável e utópico. Isso precisa mudar. Sem respeito aos princípios democráticos, não conseguiremos solucionar nem prevenir o contínuo fluxo de crises que vivenciamos - de comoções financeiras

a conflitos bélicos. Diversos eventos ao longo da história, no Brasil e no mundo, evidenciaram os perigos dos ataques à democracia, ensinando que o rompimento com a ordem democrática é a receita do desastre.

A democracia nunca foi tão importante como agora. Felizmente, vivemos uma época em que nenhum país, organização, grupo ou indivíduo, por mais influente que seja, pode impor sua vontade ao mundo; é necessário, em vez disso, ouvir e negociar com todos, uma vez que o poder militar até ganha batalhas, mas não guerras, e a

dimensão dos desafios globais excede a capacidade de resolução de instituições isoladamente.

As agendas morais, como os direitos humanos, e os avanços tecnológicos multiplicaram rapidamente a quantidade de participantes no jogo democrático, e a democracia atualmente é exercida em qualquer grupo de pessoas relevante.

Julgar alguns cidadãos - geralmente pobres - incapazes e tentar decidir “o que é bom para eles” é uma das posturas que sempre esteve no coração da pobreza. Podemos debater livremente os riscos e benefícios de cada opção, porém cada pessoa deve ser livre para exercer seu direito de escolha.

Ao longo dos anos, diversos estudos estatísticos demonstraram a capacidade redutora de desigualdades econômicas da democracia, ou seja, condições desiguais e práticas democráticas variam inversamente: quanto maior uma, menor a outra.

Isso explica, entre outros fatores, porque regimes autoritários conseguem mais facilmente adotar políticas que beneficiem uma minoria em detrimento da maioria excluída do cenário político, tendo em vista que não há nenhum mecanismo político que possibilite responsabilizar o poder político à maioria. Como afirmou o pensador grego Aristóteles em seu texto “A Política”, *“nas democracias os pobres possuem maior poder soberano que os homens de propriedade, pois eles são*

mais numerosos e a decisão da maioria prevalece” (Aristóteles, 2009).

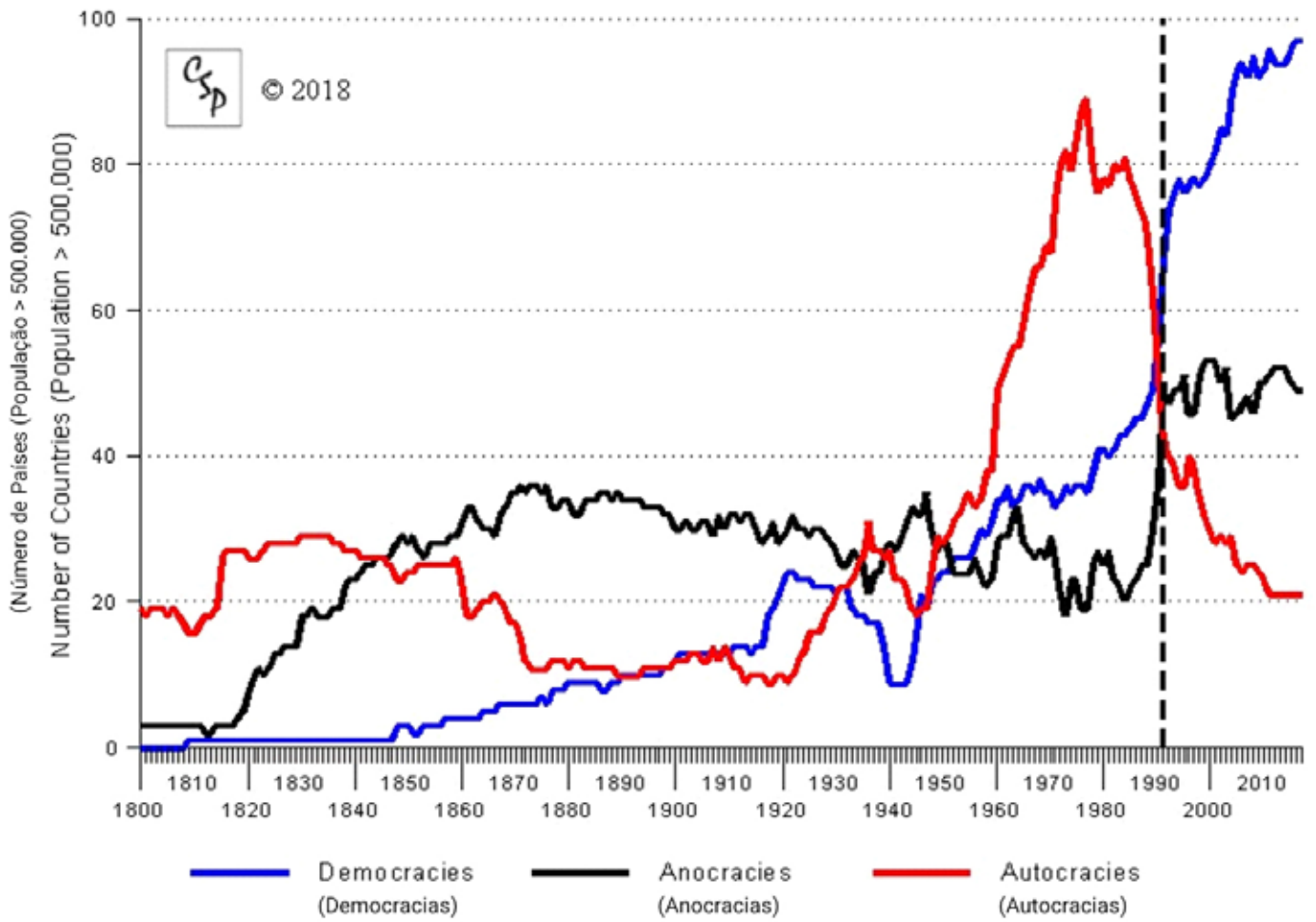
A importância de modelos democráticos no combate à pobreza foi corroborada mais recentemente por Amartya Sen, economista indiano agraciado com o Prêmio Nobel (Sen, 2000):

A fome mata milhões de pessoas em diferentes países do mundo, mas nunca mata os governantes... se não houver eleições, sem partidos de oposição, sem espaço para críticas públicas não censuradas, então aqueles que possuem autoridades não irão sofrer as consequências políticas do fracasso em evitar crises de fome. As democracias, por outro lado, estenderiam os efeitos negativos da fome para os grupos dominantes e os líderes políticos.

De acordo com o Policy Project, um projeto que categoriza o modelo político dos países ao longo do tempo, há 40 anos uma forte maré democrática passou pelo mundo - existiam 42 democracias em 1985, onde residiam 20% da população global; em 2015, já eram 103, abrigando mais da metade da população mundial. E, se analisarmos a curva histórica desde o início do século 19, esse salto da democracia será ainda mais impressionante (Systemic Peace, 2023).

Apesar disso, nos últimos anos especialistas passaram a se preocupar não apenas com a desaceleração dos processos de transição para o regime democrático, mas também com crises e ameaças a democracias já consolidadas.

Tendências globais de governança, 1800-2018 (Systemic Peace, 2023)



Liberdade de imprensa e democracia em declínio ao redor do mundo (Freedom House, 2020)



Paralelamente, em um dos trabalhos com maior repercussão sobre o assunto - “Como as democracias morrem” -, os professores de Harvard Steven Levitsky e Daniel Ziblatt alertam para o declínio democrático no planeta. Nesse contexto, eles sugerem quatro importantes indicadores de comportamento autoritário (Levitsky & Ziblatt, 2018):

- 1) Rejeição às regras do jogo democrático;
- 2) Negação da legitimidade de seus oponentes políticos;
- 3) Tolerância ou encorajamento da violência;
- 4) Propensão a restringir liberdades civis por meio de medidas autoritárias que reduzem liberdades da imprensa e de adversários.



Insight Consciente

Abdicação coletiva & alianças fatídicas

“O javali, o cavalo e o caçador”, Fábulas de Esopo”:

Surgira uma séria disputa entre o cavalo e o javali; então, o cavalo foi a um caçador e pediu ajuda para se vingar.

O caçador concordou, mas disse: “Se deseja derrotar o javali, você deve permitir que eu ponha esta peça de ferro entre as suas mandíbulas, para que possa guiá-lo com estas rédeas, e que coloque esta sela nas suas costas, para que possa me manter firme enquanto seguimos o inimigo.” O cavalo aceitou as condições e o caçador logo o selou e bridou.

Assim, com a ajuda do caçador, o cavalo logo venceu o javali, e então disse: “Agora, desça e retire essas coisas da minha boca e das minhas costas.” “Não tão rápido, amigo”, disse o caçador. “Eu o tenho sob minhas rédeas e esporas, e por enquanto prefiro mantê-lo assim.”

Quando uma parte considerável da população aceita transferir a autoridade para um líder que ameaça o sistema democrático, isso geralmente ocorre devido a uma crença ingênua de que essa figura autoritária, uma vez empoderada, poderá ser controlada ou domesticada. Assim, como o cavalo, essa parcela do povo recorre ao “caçador” autoritário para obter uma vitória momentânea sobre o candidato “inimigo” da oposição; porém, como demonstrado no conto, esse tipo de acordo acaba em subjugação e problemas ainda maiores em longo prazo. A democracia, como a liberdade, é um valor inegociável.





5. SUSTENTABILIDADE

“É triste pensar que a natureza fala e que o gênero humano não a ouve.”

Victor Hugo

Um território não é o mero resultado da superposição de uma série de sistemas naturais e um conjunto de coisas inventadas pelo ser humano. O território é, essencialmente, o solo e mais as pessoas, ou seja, uma identidade, o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. Como base da residência, do trabalho e dos relacionamentos, é preciso reconhecer que, conforme uma famosa frase de Churchill, *“primeiro fazemos nossas casas, depois elas nos fazem...”*.

Como dizia o poeta cantante argentino Atahualpa Yupanqui, *“somos a Terra que anda”*, não apenas vivemos na Terra. Embora nosso planeta não seja o centro físico do universo, ele é o centro afetivo da humanidade, onde nascemos, crescemos, amamos, choramos, sonhamos e perecemos. Com essa nova consciência, podemos cumprir o chamado **Princípio-Terra**: cada pessoa, instituição, tradição ou saber deve se

propor a seguinte pergunta: *“que faço eu para preservar a pátria comum, a Terra, e garantir que tenha futuro, já que ela há 15 bilhões de anos está sendo construída e merece continuar a existir?”* (Boff, 1995).

Estimativas apontam que, entre 1500 e 1850, foi presumivelmente eliminada uma espécie a cada década; entre 1850 e 1950, uma espécie sucumbiu por ano; e, de 1990 a 2000, uma espécie desapareceu por dia. Hoje, diversas pesquisas apontam que uma espécie é extinta por hora, uma verdadeira máquina mortífera movida contra a vida sob as suas mais diversas formas (Allais, 1992; Stanford Earth, 2020).

A crise planetária e o tema da sustentabilidade emergiram com força em 1972, com o famoso relatório “Os limites do crescimento” do Clube de Roma. Nele, foram questionados pela primeira vez o modelo de sociedade e o sentido de vida que projetamos para

nós mesmos: tudo girando em torno do progresso, desconsiderando a finitude dos recursos da Terra e buscando sempre o máximo de benefício com o mínimo de investimento, e no mais curto prazo de tempo possível. Nesse contexto, **o ser humano se coloca como um ser sobre todas as coisas, dispondo delas a seu bel-prazer, nunca como alguém junto com as coisas, como parte de uma comunidade global.**

Exatamente nessa mentalidade reside o mecanismo central de nossa atual crise civilizacional: **ironicamente, nossa ânsia por tudo dominar está nos tornando dominados e vulneráveis aos efeitos da degradação planetária.** A utopia de aprimorar ilimitadamente a condição humana prejudicou a qualidade de vida geral - hoje, mais de 2/3 da humanidade são subdesenvolvidos, corroendo a base da riqueza, que são os recursos naturais e o trabalho humano. Terra e trabalhadores sofrem e sangram gravemente.

Há um evidente antagonismo entre nosso paradigma hegemônico de existência e a preservação da integridade da comunidade terrestre. Em seu conhecido livro sobre a “Estrutura das revoluções científicas”, o físico e filósofo norte-americano Thomas Kuhn (1922-1996) define o termo paradigma como “toda uma constelação de opiniões, valores e métodos participados pelos membros de uma determinada sociedade (Kuhn, 2017).

Um paradigma é como uma “superteoria”, estabelecendo um modelo

básico da realidade e determinando o modo como as pessoas irão raciocinar e teorizar, assim como a forma como os fatos serão vistos e interpretados.

Uma vez aceito, um paradigma raramente é contestado e costuma tornar-se um dogma que perpetua a si mesmo - conseqüentemente, passa-se a aceitar somente as falas e ações que se enquadram no modelo e a rejeitar tudo o que não se coaduna. Há, contudo, momentos em que os fenômenos que não se enquadram no paradigma se tornam tão sólidos e importantes que não podem mais ser ignorados - isso leva ao que Kuhn chamou de **paradigm shift** ou mudança de paradigma.

Agora, urge um novo paradigma global, pautado na recusa de rebaixar a Terra a um reservatório físico-químico de matérias-primas - nosso planeta possui sua própria autonomia e identidade como organismo extremamente complexo e dinâmico, do qual somos membros responsáveis por todos os demais membros e fatores, desde o equilíbrio dos solos e da atmosfera até a existência de cada indivíduo.

Nas palavras do teólogo e filósofo Leonardo Boff, já passou da hora de assumir a *“tarefa de ecologizar tudo o que fazemos e pensamos, rejeitar os conceitos fechados, desconfiar das causalidades unidirecionadas, propor-se ser inclusivo contra todas as exclusões, conjuntivo contra todas as disjunções, holístico contra todos os reducionismos, complexo contra todas as simplificações”* (Boff, 1995).

6. EMPATIA

*“Bem, enquanto eu for um mendigo, eu vou protestar,
E dizer que não há pecado senão ser rico;
E sendo rico, a minha virtude então será
Dizer que não há vício senão mendicância.”*

Shakespeare, King John, 2.1.612

Considerado o maior dramaturgo de todos os tempos, William Shakespeare (1564-1616) conta, em uma de suas mais conhecidas tragédias teatrais, a história do octogenário rei britânico Lear, que estava cansado e desejava abandonar seu trono e se aposentar. Lear era um monarca feudal absoluto que perdeu contato com seu povo, isolado em uma sociedade rigidamente organizada, onde o lugar de uma pessoa na hierarquia era claramente definido e não podia ser alterado. Quando ele abdica e em seguida é traído e expulso do reino por suas próprias filhas, seu mundo desmorona. Forçado a compartilhar sua vida com os miseráveis de seu reino, reconhece e afirma sua humanidade comum. Isso, por sua vez, o faz perceber a enorme desigualdade social e corrupção em seu reino, erros pelos quais ele é responsável. Shakespeare dirá pela boca de Lear: *“Os homens acabarão se entredivorando e praticando o canibalismo, como os monstros do abismo”* (Shakespeare, 2010).

Essa natureza auto predatória da espécie humana se manifesta na chamada pseudoespeciação, uma *“propensão do ser humano a não compartilhar sua humanidade com outros seres humanos de etnia, credo ou cultura diferente, e até a tratá-las como se fossem de uma espécie diferente (...), como ocorreu na escravidão, no feudalismo, no absolutismo, no colonialismo e nos totalitarismos”* (Araújo, 2021).



Rei Lear (Benjamin West (1788).
Museu de Belas Artes, Boston.



7. COOPERAÇÃO

“A disciplina é mais forte do que o número; a disciplina, isto é, a perfeita cooperação, é um atributo da civilização.”

John Stuart Mill

Uma conhecida metáfora diz que, ao descrever um vale, os melhores retratos serão obtidos quando se anda em torno dele, ao invés de empacar em um único ponto de vista. Analogamente, ao debater um assunto ou resolver um problema social, as melhores perspectivas se dão quando diversos ângulos, lateralidades e topografias são examinados, permitindo captar a essência plural das comunidades humanas.

As peças de um avião, sozinhas, não voam. Quando interagem, porém, o

avião decola. Agindo cada um por si, em movimentos avulsos e desorquestrados, o sucesso pode até vir individualmente. Desse modo, no entanto, só se alcança desenvolvimento - prosperidade, um conceito muito mais amplo de evolução econômica, só é possível coletivamente.

Grandes crises e catástrofes coletivas ocorrem a partir de questões pontuais - daí o âmago do conceito de cooperação. Não são necessários grandes motivos individuais para produzir grandes consequências negativas para todos. Considere a

seguinte metáfora: uma montanha tem uma parte bastante íngreme próxima ao topo. Neve há semanas, e muita neve se acumulou ali, criando um risco iminente de avalanche. Especialistas observam a neve sendo movimentada de modo instável pelo vento. A neve claramente cairá em algum momento.

Enquanto ela resiste, esquiadores mais ousados ou inexperientes se arriscam esquiando ali porque a vista é boa. Um dia, porém, um floco de neve cai, atingindo a lateral da montanha e movendo outros flocos de neve. Esse movimento inicia um pequeno deslizamento que se avoluma e ganha força; logo toda a montanha se desestabiliza e despenca, matando todos os esquiadores pelo caminho e soterrando uma vila próxima.

Ao retornar e realizar inspeções, quem devemos culpar? O floco de neve que caiu primeiro ou as condições gerais de instabilidade? É claro que devemos culpar as condições instáveis da neve pois, apesar de aquele floco de neve específico ter dado início à avalanche, ela já ocorreria de qualquer forma, mesmo sem a atuação dele.

Assim como a neve na montanha, o atual modelo econômico capitalista desvirtuado que experimentamos também é um sistema complexo à beira do colapso. Conforme desmandos, trapaças e más práticas se avolumam perto do topo, sufocando a cooperação do trabalho em equipe, quando menos se espera tudo desmorona, deixando um rastro de destruição generalizado.

“

***As peças de um avião,
sozinhas, não voam.
Quando interagem,
porém, o avião decola.***



8. INTERDEPENDÊNCIA

“No decorrer dos séculos, a história dos povos não passa de uma lição de mútua tolerância, e assim, o sonho último será envolvê-los todos numa ternura comum para os salvar o mais possível da dor comum.”

Émile Zola

“Mostre-me um homem que se fez por si mesmo e eu lhe mostrarei um homem mal feito”, afirma o ditado. O individualismo egoísta e a baixa consciência comunitária, no entanto, são aspectos cada vez mais presentes em nossa época.

Uma famosa escultura sintetiza essa ideia: o *“Self Made Man”* (O homem esculpindo a si mesmo), do artista plástico Bobbie Carlyle. A escultura em bronze busca transmitir toda a força e o poder de um homem ao esculpir a si mesmo a partir de uma pedra bruta. Essa obra representa, em linhas gerais, o triunfo de um indivíduo independente, capaz de construir o próprio destino e moldar o futuro com as próprias mãos.

A despeito da beleza da obra e de seu pressuposto atraente, a verdade é que,



“Self Made Man”, de Bobbie Carlyle
(bobbiecarlylesculpture.com).

para sobreviver e prosperar como espécie, o ser humano precisará mais do que nunca desaprender a isolar e reaprender a interagir.

Em 2004, quando o historiador britânico Anthony Sampson publicou sua famosa obra *Who Runs This Place?* (“Quem manda aqui?”, em tradução livre), ele propôs uma questão aparentemente simples: “Quem é responsável por quem e por quê?” (Sampson, 2004).

No livro, o autor lança mão de uma série de diagramas de Venn para tentar explicar o “*establishment*”, apenas para concluir que esses círculos de poder são muito mais conectados e suas relações muito mais difusas do que se imaginava. Somos, afinal, mutuamente responsáveis porque somos interdependentes.

Ironicamente, uma cegueira gananciosa frequentemente nos impossibilita de reconhecer esse fato. Uma vez que consideramos problemas relacionados à economia e ao clima “sistêmicos”, ou seja, de impacto global, nos distanciamos de seu enfrentamento, alegando que apenas grandes entidades devem lidar com eles. No entanto, assim como nenhum país sozinho pode governar todos os outros, também não existe nenhuma instituição capaz de solucionar essas questões isoladamente.

Pense: pandemias são uma questão de saúde pública, econômica, social ou política? E o terrorismo, pode ser considerado tema exclusivo de segurança pública, ou tem origens e

efeitos devastadores também em vidas, sociedades e negócios mundo afora?

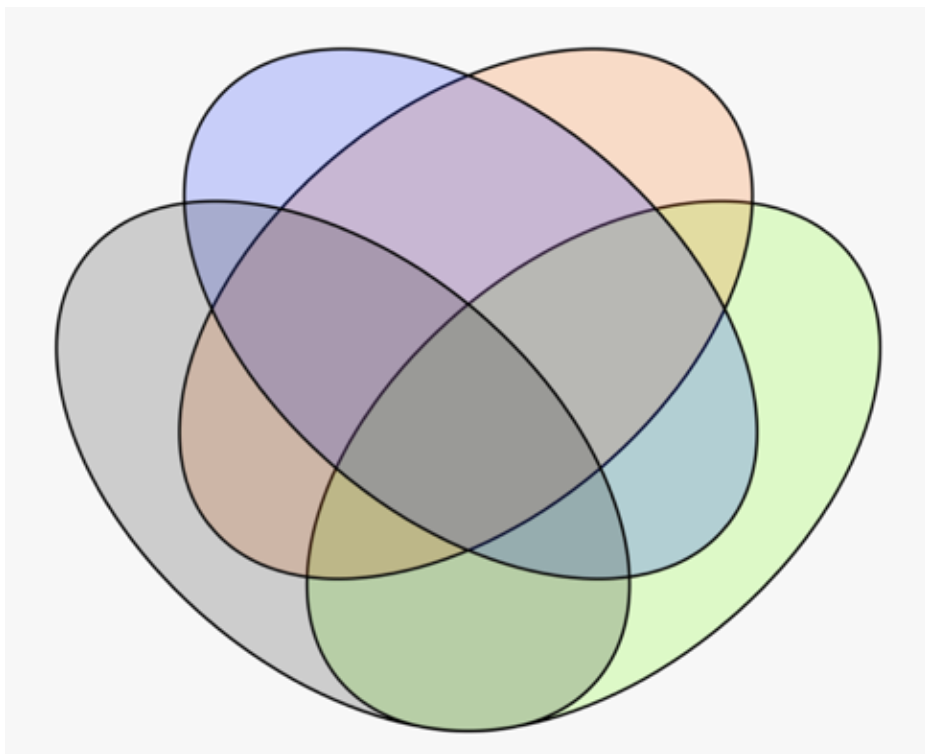
Infelizmente ainda abundam as empresas que utilizam o território em função de seus interesses particulares e exclusivamente em função desses fins, tendo olhos apenas para os próprios objetivos e sendo cegas para tudo o mais.

Ao desrespeitarem o entorno econômico, social, político, cultural, moral e ambiental, elas deixam de ser agentes de prosperidade e tornam-se elementos de perturbação - tudo que existia antes da criação dessas empresas é forçado a adaptar-se ao seu modo de ser e agir, mesmo que o entorno preexistente sofra com a quebra da solidariedade social.

Quando os interesses corporativos se apartam dos interesses públicos, a política ou *policy* dessas empresas aspira e consegue, com sua governança, tomar decisões e rumos descompromissados com a comunidade local.

A economia, no entanto, é um campo inerentemente complexo, ou seja, eventos inesperados ocorrem o tempo todo, o que é tecnicamente chamado de propriedade emergente.

Isso significa que, quando um pequeno problema acontece em qualquer lugar do sistema, ele se espalha rapidamente - um efeito dominó conhecido como contágio ou, em jargão econômico, *spillover* (transbordamento).



**Diagrama de Venn:
Interdependência.**



Insight Consciente

Interdependência e desenvolvimento

Há sessenta anos, João XXIII ensinava:

Os recentes progressos das ciências e das técnicas incidem profundamente na mentalidade humana, solicitando por toda a parte a progressiva colaboração mútua e a convivência universal de alcance mundial.

Com efeito, intensificou-se enormemente hoje o intercâmbio de ideias, de pessoas e de coisas. Tornaram-se daí muito mais vastas e frequentes as relações entre cidadão, famílias e organismos intermédios, pertencentes a diversas comunidades políticas, bem como entre os poderes públicos das mesmas.

Ao mesmo tempo cresce a interdependência entre as economias

nacionais. Estas se entrosam gradualmente umas nas outras, quase como partes integrantes de uma única economia mundial.

O progresso social, a ordem, a segurança e a paz em cada comunidade política estão em relação vital com o progresso social, com a ordem, com a segurança e com a paz de todas as demais comunidades políticas.

Deste modo, nenhuma comunidade política se encontra hoje em condições de zelar convenientemente por seus próprios interesses e de suficientemente desenvolver-se, fechando-se em si mesma (Encíclica Pacem in Terris, 1963, n. 130-133).



9. JUSTIÇA

“A injustiça num lugar qualquer é uma ameaça à justiça em todo o lugar.”

Martin Luther King

Ao longo da história humana, diversas suposições e estudos sobre o conceito de justiça foram elaborados; apesar disso, em pleno século 21, é difícil explicar por que, apesar de se produzir comida mais do que o suficiente para alimentar a todos, ainda se morre de fome, ou por que doenças para as quais já existem tratamentos adequados e cuja cura já foi descoberta ainda matam milhares de pessoas.

Permeadas pela descartabilidade e pela

efemeridade, vidas humanas têm sido subavaliadas na pós-modernidade.

A filósofa norte-americana Nancy Fraser propõe, em sua Teoria Social da Justiça, que justiça se dá a partir de três dimensões fundamentais: distribuição (de recursos), reconhecimento (e respeito às diferenças entre coletividades) e representação (o direito de ter voz), conjugando assim três campos centrais da vida humana - economia, cultura e política.



Insight Consciente

Justiça econômica

Ao contrário do que muitos imaginam, o conceito de justiça econômica está intimamente ligado à ideia de prosperidade econômica geral.

A criação de mais oportunidades para todos os membros da sociedade ganharem salários viáveis é uma condição sine qua non para o crescimento econômico sustentado.

Isso é verdade porque, conforme mais pessoas se tornam capazes de se sustentar e manter uma renda discricionária estável, mais provável é que gastem seus ganhos em bens, o que por sua vez alavanca a demanda na economia.

Atingir essa desejada justiça econômica, porém, exige que sejam revistas as disparidades salariais e outras deficiências nos rendimentos individuais.

Existem, por exemplo, membros da força de trabalho empregados em cargos que não fazem pleno uso de suas habilidades - o que, além de implicar pior desempenho para as empresas que os contratam, também leva os trabalhadores a receber salários que não refletem todo o potencial de suas qualificações profissionais.

Como resultado, eles não ganham a renda mais alta de que são capazes,

nem as empresas produzem tanto nem tão bem quanto poderiam.

Essa perda de salários potenciais gera uma importante ineficiência no mercado, uma vez que esses trabalhadores não terão a renda para participar plenamente dele. Quando essa ineficiência alcança uma magnitude significativa – em que grandes porções da população não estão adquirindo bens e serviços com os quais poderiam ter gasto seus ganhos –, ela pode desacelerar a economia.

Ninguém pode negar o caráter agudo da desigualdade, que reemerge com força após um longo período no século 20 durante o qual tinha se conseguido suavizá-la. É impossível erradicar a pobreza no mundo sem diminuir drasticamente os níveis extremos de desigualdade atuais. Eles interferem na capacidade distributiva de renda da sociedade, embarreirando a mobilidade social e mantendo grandes parcelas da população na pobreza, à margem da economia.

Enfrentar e reduzir as desigualdades é um fim em si mesmo, mas também a via mais rápida para vivermos em uma sociedade mais harmônica e pacífica, já que a exclusão social está diretamente relacionada a altos índices de violência, seja na cidade ou no campo.



10. PAZ

*“Nunca houve uma guerra boa
nem uma paz ruim.”*

Benjamin Franklin

Ao menos uma vez a cada século o mundo entra em guerra - e em seguida tenta reestabelecer uma paz duradoura. Embora o conceito de guerra tenha sido banalizado no mundo, sua finalidade não foi modificada: confrontar, com o emprego de todos os meios militares e não militares, letais e não letais, para obrigar o inimigo a submeter-se ao que se deseja.

Essa banalização foi ampliada a vários tipos de confrontação, disputados em múltiplos campos de batalha: guerras nucleares, financeiras, diplomáticas,

comerciais, de informações, ideológicas, psicológicas...

Uma guerra pode, assim, exceder todos os limites e ocorrer em múltiplas frentes, onde os guerreiros serão agentes contaminando redes de computadores ou capturando informações; agentes financeiros especulando com capitais, ou induzindo o mercado de ações a um colapso; operadores de mídia manipulando notícias e disseminando rumores que resultem na flutuação do câmbio, na exposição comprometedora de líderes

de um país, na perda de confiança dos consumidores quanto à qualidade de alimentos, ou distorcendo conceitos como direitos humanos e ecologia; cientistas divulgando falsa ciência ou liderando agentes microbiológicos em seus laboratórios; os terroristas e as organizações criminosas (Istoé Dinheiro, 2021).

Assim como o conceito de saúde vai além da mera ausência de doenças, o conceito de paz é mais do que a ausência de guerras. Hoje, as ameaças à paz não se resumem a pistolas, rifles, canhões ou bombas, tampouco esses armamentos são capazes de proteger as pessoas.

Como vimos nos últimos anos, vírus, polarizações políticas e divergências de opiniões podem provocar colossais estragos no tecido social, muitas vezes evoluindo para uma insana e infinita corrida armamentista, como explicam os cientistas George Williams e Randolphe Nesse (Nesse & Williams, 1997):

Assim como as contendas entre predadores e presas e hospedeiros e parasitas, as guerras dão lugar a crescentes corridas armamentistas que exigem gastos exorbitantes e prejudiciais, e criam armas e defesas extraordinariamente complexas. Conforme as entidades políticas dedicam mais e mais energia ao armamento e à defesa para evitar que seus adversários as dominem, elas devem evoluir o mais rápido possível para manter seus atuais níveis de adaptação. Chega um ponto em que os

gastos da corrida armamentista são tão grandes que o organismo - seja político ou biológico - mal pode enfrentar outras necessidades básicas, mas o custo de perder essa corrida é tão grande que, apesar disso, é preciso manter os enormes gastos que gera.

Hoje, enquanto nos mantemos ocupados demais presos nessa corrida em rodas de hamsters sem vitoriosos, desperdiçamos incríveis oportunidades de investir nossos esforços, tempo e recursos na solução de problemas comuns urgentíssimos, como a degradação ambiental, as epidemias e a fome.

Que tal fazer um pacto? O termo “pacto” é particípio passado do verbo latino *pacere*, que significa “fazer a paz”.

Pacto, portanto, quer dizer, paz feita ■



“

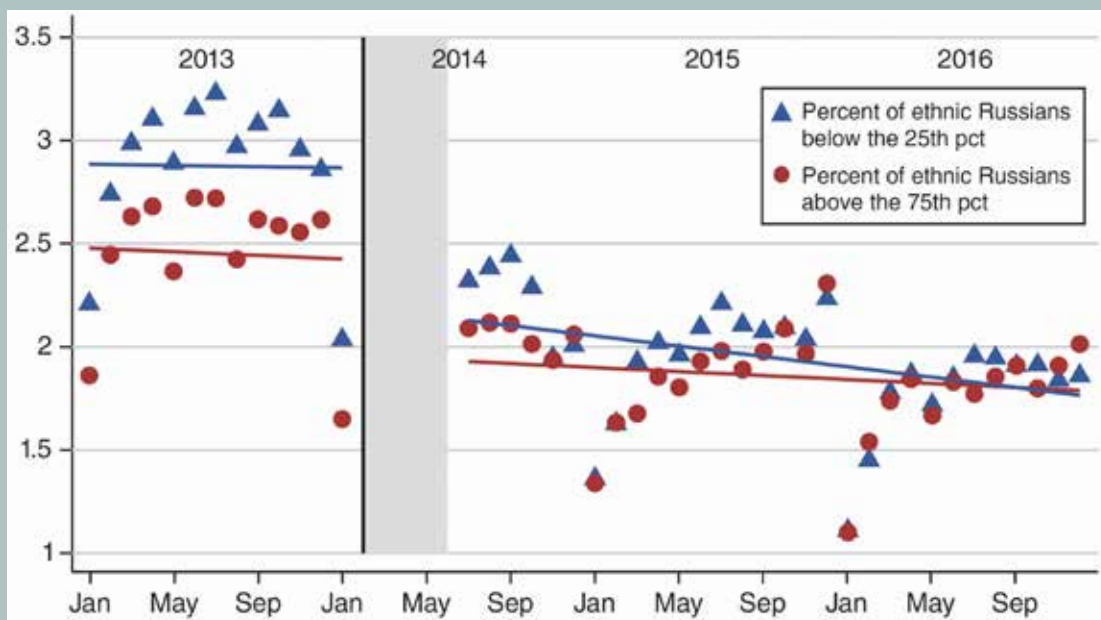
Assim como o conceito de saúde vai além da mera ausência de doenças, o conceito de paz é mais do que a ausência de guerras.



Guerra: um mau negócio em todas as frentes

Mais de dois bilhões de pessoas – ou um quarto da humanidade – vivem em países assolados por conflitos. Embora muitas dessas pessoas não vivam diretamente em zonas de guerra, seus meios de subsistência podem ser significativamente afetados por combates próximos. Em um artigo recém-publicado na *American Economic Review*, os professores universitários de economia política Vasily Korovkin e Alexey Makarin investigaram se o conflito armado reduz o comércio econômico devido à quebra da chamada confiança étnica ou entre povos – mesmo em áreas não afetadas diretamente pela violência. Especificamente, eles analisaram o comércio internacional ucraniano antes e depois do início do imbróglio Rússia-Ucrânia, em 2014, e descobriram que as empresas ucranianas de distritos com menos russos étnicos experimentaram um declínio mais profundo no comércio com a Rússia do que outras regiões mais etnicamente russas. Os triângulos azuis traçam o logaritmo médio mensal

do peso total negociado com a Rússia – exportações e importações – em distritos onde a parcela da população de etnia russa estava abaixo do percentil 25. Os círculos vermelhos traçam os mesmos valores para os distritos onde a proporção de russos étnicos estava acima do percentil 75. A linha vertical preta marca o início do conflito (foram excluídos os comércios nos distritos diretamente afetados pelo conflito). Antes do início das hostilidades em fevereiro de 2014, as empresas dos dois tipos de distritos tinham um padrão semelhante de comércio com a Rússia ao longo do tempo. No entanto, após o começo do conflito, os distritos com menos russos diminuíram seu comércio mais em relação às áreas com maiores porcentagens de russos étnicos, conforme indicado pelo declínio mais acentuado na linha azul de melhor ajuste. Essa descoberta evidencia como a ruptura nos laços sociais durante guerras pode ser economicamente prejudicial - mesmo fora das áreas de combate.



Logaritmo (log) do peso total de bens negociados antes e após o início da crise entre Rússia e Ucrânia (Korovkin & Makarin, 2023).



III FÓRUM BRASILEIRO DO CAPITALISMO CONSCIENTE

pelas 10  *igualdades*

Em 2023, quando completa 10 anos no Brasil, o Instituto Capitalismo Consciente Brasil se levanta diante do desafio de dar voz a discussões sobre 10 impactantes desigualdades do país.

Para promover as discussões em torno de alternativas e ações orientadas para a redução destas desigualdades, a terceira edição do Fórum Brasileiro do Capitalismo Consciente será dividida em duas etapas.

No primeiro semestre, contará com uma abordagem regional por meio de 11 eventos protagonizados pelas filiais do Capitalismo Consciente no Brasil. No segundo semestre, para fechar o ano comemorativo, a matriz fará um evento na cidade de São Paulo.

Saiba mais e participe!

Quero saber mais!

Referências

- ALLAIS, C., O estado do planeta em alguns números, em BARRÈRE, M., Terra, patrimônio comum, São Paulo, Nobel, 1992, 243-51.
- ARAÚJO, Marina Fagundes de. Economia Popular Solidária: Um Caminho para a Efetivação de Justiça Ambiental. Editora Dialética, 2021.
- ARISTÓTELES. A Política. Edipro, 2009.
- BILAC, Olavo. 'Chrônica'. In Gazeta de Notícias, de 19/3/1905.
- BOFF, Leonardo. Princípio-Terra: A Volta à Terra como Pátria Comum. Editora Ática, 1995.
- CORTELLA, Mario Sergio. A Diversidade: Aprendendo a Ser Humano. Editora
- FAO, 2022. Disponível em: <https://www.fao.org/publications/sofa/2022/en/> Acesso em: 10/02/2023.
- FREEDOM HOUSE, 2020. Disponível em: <https://freedomhouse.org/article/media-restrictions-today-will-harm-democracy-tomorrow> Acesso em: 01/02/2023.
- ISTOÉ DINHEIRO, 2021. Conceito de paz é maior que ausência de guerras, diz ministra alemã. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/conceito-de-paz-e-maior-que-ausencia-de-guerras-diz-ministra-alema/> Acesso em: 01/02/2023.
- KEYNES, John Maynard. The General Theory of Employment, Interest and Money: With the Economic Consequences of the Peace. Wordsworth Editions, 2017.
- KLINK, Amyr. Cem dias entre céu e mar. Companhia de Bolso, 2005.
- KOROVKIN, Vasily & MAKARIN, Alexey. 2023. "Conflict and Intergroup Trade: Evidence from the 2014 Russia-Ukraine Crisis." American Economic Review, 113 (1): 34-70. DOI: 10.1257/aer.20191701
- KUHN, Thomas S. A Estrutura das Revoluções Científicas. Editora Perspectiva, 2017.
- LEVITSKY, Steven & ZIBLATT, Daniel. Como as democracias morrem. Editora Zahar, 2018.
- NESSE, Randolph M. & WILLIAMS, George C. Por que adoecemos? A Nova Ciência da Medicina Darwinista. Editora Campus, 1997.
- ORWELL, George. Como morrem os pobres e outros ensaios. Companhia das Letras, 2011.
- PIKETTY, Thomas. O Capital no Século XXI. Editora Intrínseca, 2014.
- RELATÓRIO ESPECIAL EDELMAN, 2019. Disponível em: <https://www.edelman.com/research/trust-barometer-special-report-in-brands-we-trust> Acesso em: 05/02/2023.
- SAMPSON, Anthony. Who Runs This Place?: The Anatomy of Britain in the 21st Century. Editora John Murray; Airside, 2004.
- SEN, Amartya. Desenvolvimento como Liberdade. Companhia das Letras, 2000.
- SHAKESPEARE, William. O Rei Lear. Editora Martin Claret, 2010.
- STANFORD EARTH, 2020. Disponível em: <https://earth.stanford.edu/news/science-behind-extinction> Acesso em: 01/02/2023.
- UNICEF, 2023. As Múltiplas Dimensões da Pobreza na Infância e na Adolescência no Brasil. Estudo sobre as privações de direitos que afetam crianças e adolescentes no País. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/relatorios/as-multiplas-dimensoes-da-pobreza-na-infancia-e-na-adolescencia-no-brasil> Acesso em: 10/02/2023.

